

Fortaleza, 18 de Março de 2010

Exmo Promotor

Sabe-se que em nossa sociedade, sempre se busca o engrandecimento do ser humano através de lutas em prol de uma maior tolerância com relação a velhos preconceitos arraigados em nossas bases, tais como a discriminação contra negros, homossexuais, mulheres, e diversas outras formas de injúria contra o semelhante.

Meu objetivo ao escrever-lhe, é denunciar mais uma forma de discriminação que silenciosamente faz milhares de vítimas (sim, milhares, não é exagero.) em nosso meio, e que particularmente me afeta: A discriminação religiosa incentivada pela Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados e seguida à risca pelo grupo religioso conhecido como Testemunhas de Jeová.

Esta discriminação se caracteriza pelo total ostracismo ao qual um ex-membro do grupo religioso é submetido. Qualquer pessoa que cometa uma ação taxada pela Torre de Vigia como pecado, é levada a uma chamada 'comissão judicativa' e analisado o seu caso, caso seja considerada culpada, a pessoa é tida como desassociada. Um anúncio é feito ao grupo (a congregação), e a partir de então ela é completamente ignorada pelo grupo, dada como morta. Vale lembrar que este proceder de ignorar o ex-membro também é adotado por amigos muito próximos e familiares, afetando assim toda a estrutura psicológica e emocional do indivíduo, no intuito de fazê-lo se arrepender do que fez. Se uma Testemunha de Jeová for vista falando com alguém que foi expulso, ela será denunciada por quem viu e também será expulsa. Caso o indivíduo desassociado queira voltar à conviver com a congregação normalmente e, ao ver deles (julgamento muitas vezes injusto), se mostre arrependido, ainda terá que esperar um período de seis meses a um ano até que volte a conviver com seus irmãos de fé. Também é importante salientar que um envelope verde, tratado como altamente confidencial, é enviado à sede da Torre de Vigia, em Cesário Lange, SP, e a pessoa passa a estar com o nome fichado por lá.

Isso é uma forma brutal e desumana de se tratar um indivíduo num grupo que teoricamente deveria ser conhecido pelo amor. O que torna o ato ainda mais brutal e indignante, é o fato de a Torre de Vigia desincentivar veementemente qualquer tipo de amizade com qualquer pessoa que não seja Testemunha de Jeová. Embora não proíba que se fale com pessoas fora do grupo, a Torre de Vigia aconselha a tratá-los como "mundanos", ou "más associações". O objetivo por trás disto é óbvio: Se a pessoa sair, não terá mais amigos, nem dentro do grupo e nem fora, e assim arrasada emocionalmente, terá de voltar à conviver com grupo à força, mesmo sendo ignorada. Imagine a situação: Você comete um erro, é desassociado, e para ser readmitido terá que passar aproximadamente um ano assistindo às reuniões do grupo sem manter absolutamente nenhum contato com qualquer pessoa. Sua entrada só é permitida após se cantarem os louvores no início das reuniões e sua saída deve ser antes se se cantarem os louvores no fim da reunião, para, de acordo com o que dizem, "não causar embaraço ou tropeço aos outros irmãos".

Isto lembra o modo como os leprosos eram tratados nos dias de Jesus, e é um perfeito parâmetro para se comparar o comportamento de Jesus com o dos fariseus em contraste com os dias de hoje, onde o comportamento incentivado pela Torre de Vigia mais se assemelha ao padrão farisaico.

Recebi em  
23/03/10.  
JES.

Apesar de sofrer tudo o que foi descrito acima, meu caso foi diferente pelo fato de que eu não cometi nenhum pecado. Simplesmente passei a não concordar com as doutrinas que são ensinadas pela Torre de Vigia (e se questionadas resultam no pecado de "apostasia", levando à desassociação) e pedi pra sair da denominação. Em resultado disso, os anciãos (como são chamados os que lideram o grupo) me orientaram a escrever uma carta assinada onde eu explicaria porque não queria mais ser conhecido como Testemunha de Jeová. Duas semanas depois, vieram até minha casa, informaram que o anúncio seria dado na próxima reunião. Um deles, na minha ausência, chegou a dizer ao meu avô que "o diabo estava morando" na minha casa. A partir disso, meu direito de livre escolha de religião foi tratado como irrelevante e todo o tratamento pelo qual um desassociado passa também hoje é dispensado a mim e a qualquer um no globo que queira deixar de ser Testemunha de Jeová.

É algo tão indignante, que familiares que moram na mesma casa que eu se recusam a me dirigirem a palavra. Some a esta conta um tio e uma tia, seus respectivos cônjuges, os filhos destes e ainda as visitas que aparecem na minha casa para encontrar estes, mas insistem em me considerar "o corpo intruso" na minha própria casa e se dão ao direito de me ignorar para que eu me retire. Minha mãe não me ignora porque não é Testemunha de Jeová, mas se fosse, e não morássemos na mesma casa, seriam cortadas as relações da mesma forma, tal como é ilustrado com uma experiência real relatada no folheto em anexo - *Nosso Ministério do Reino, agosto de 2002, págs 3 e 4*

Também posso incluir nessa lista colegas de escola Testemunhas de Jeová, que não pertencem à mesma congregação da qual eu fazia parte, mas por saberem que eu me desliguei da minha congregação, também cortaram relações comigo. Eu poderia me mudar para o Rio Grande do Sul, mas se lá eu fizesse amigos Testemunhas de Jeová que viessem a descobrir que eu saí desta religião, passariam a me tratar com desprezo. Por isso que saliento que o assunto deve ser encarado com toda seriedade pelas autoridades mais competentes. É uma epidemia socio-religiosa.

Na minha carta em anexo, eu mostro os porquês de eu ter escolhido me dissociar (dissociação é o termo usado pela Torre de Vigia para o ato de quem resolve sair por conta própria da religião) e lá mostro o quão indignado eu me sinto hoje por saber que sofreria este ostracismo e por saber que os laços com pessoas outrora amadas seriam covardemente cortados por homens que se julgam iguais a Deus.

Espero que esta breve explicação do meu problema e as evidências que anexo neste documento sejam suficientes para lhe sensibilizar e assim nós, ex-Testemunhas de Jeová, termos um amparo legal e mais uma força somada na nossa causa pelo fim do cúmulo da intolerância religiosa que é a desassociação.

Atenciosamente,

Anderson Paulino Pontes

